

A conjuntura Histórica

por Reinaldo Cordova

Publicado em: 08/08/2020

Categoria:

Em conversas informais eventualmente pode surgir uma informação sobre algum evento ou personagem do passado, por exemplo, uma revolução ou um governante; sobre um fenômeno social de amplo impacto como sistemas o sistema comunista ou a ideologia de gênero. Quando o debate ocorre de maneira informal e dentro de um grupo reduzido e controlado, as opiniões permanecem em um campo sem grandes impactos no conjunto social, entretanto, quando são expostas para uma massa e as informações são transmitidas de maneira doutrinárias assumem uma dimensão que deve despertar a atenção e ser objeto de cuidados.

Até pouco tempo havia a utopia de que a difusão de informação levaria as pessoas a um nível de melhor compreensão de seu lugar no mundo, de respeito a si e aos demais e de análises melhor fundamentadas. A Era da Informação revelou uma defasagem nesse processo, porque a formação e distribuição de informações se tornaram mais dinâmicas, assim como os grupos se ampliaram rapidamente. Deixaram de ser apenas ambientes limitados fisicamente. Não obstante, a qualidade da informação pode não ter seguido o mesmo ritmo. A facilidade de acessar e distribuir informação tem facilitado a difusão de dados frágeis, incorretos ou até manipulados intencionalmente.

Ao observar algumas falas distribuídas pelas redes sociais, comentários em notícias e sobre estudos acadêmicos se pode notar um preocupante desconhecimento sobre a história, não apenas dos fatos, eventos e processos correlacionados, senão também o respeito ao tempo histórico, à conjuntura. Cada acontecimento histórico tem sua própria circunstância e tempo, que não podem ser ignorado pelo analista, haja vista, que isso poderia conduzir inviabilidade de toda a análise.

O respeito à conjuntura é uma forma de evitar conclusões equivocadas, mas principalmente a manipulação do passado. Quando uma pessoa ou um grupo, ainda que com boa intenção, atribui responsabilidades a um evento, como podem ser a Revolução Bolchevique ou o Concílio Vaticano II que não estavam presentes em sua conjuntura termina por alterar o próprio evento, sem no entanto, oferecer a possibilidade de reparações e defesa ao evento. Cada evento e fenômeno do passado precisam ser examinados dentro de sua conjuntura, para que sejam entendidas as razões que lhe conduziram a uma situação.

Sem a pretensão de expressar juízo de valor sobre a Revolução Bolchevique ou o Concílio Vaticano II, dizendo se foram positivos ou negativos, mas com a intenção de utilizá-los como exemplo, podemos observar que alguns analistas não especialistas, usam seus canais de comunicação desrespeitando a premissa elementar de respeito à conjuntura ao atribuir responsabilidades e conseqüências que não podem ser atribuídas a ditos eventos.

Pode parecer um absurdo querer relacionar um dos eventos mais importantes da Igreja Católica no século XX ao acontecimento que sacudiu o mundo há cerca de 100 anos. Entretanto, não é absurdo, porque o Concílio Vaticano II e a Igreja na década de 1960 queriam frear algumas das conseqüências da Revolução Bolchevique ocorrida em 1917. Não obstante, atribuir toda a responsabilidade da “crise” do secularismo à revolução russa é desrespeitar a conjuntura histórica, assim como atribuir a dessacralização às reformas implementadas pelo Vaticano II significa ignorar um série de circunstâncias sociais, econômicas, políticas e culturais latentes na metade do século XX.

Qualquer um destes eventos históricos, bem como qualquer outro que se possa examinar, precisam ser entendidos dentro de seu contexto. Qualquer experimento de deslocá-los de sua conjuntura é uma falsificação do passado e

portanto convergente com práticas associadas a sistemas autoritários, que procuraram apagar ou manipular o passado para beneficiar o sistema, enganando a população e a cidadania.

Ainda que a Sociedade da Informação não tenha conseguido construir uma sociedade utopicamente mais civilizada, deveria pelo menos favorecer a melhoria da qualidade da informação, para que tentativas de falseamentos do passado assumam ares de verdades, como os propagados por grupos que vêm complôs para doutrinar estudantes ou *lobbies* para a entrada do comunismo no seio da Igreja católica.

Reinaldo Batista Cordova é graduado em história, especialista em filosofia e mestre e doutor em História pela *Universidad de Murcia* (Espanha). É docente de educação básica e superior, pesquisador vinculado à grupos de pesquisa e atua nas áreas de filosofia, com destaque para o personalismo e a fenomenologia, e história, com destaque em história da igreja, história social e filosofia moral.